

De Mário Mesquita e da sua escrita

Não o nego: o diálogo com um leque de autores, assaz eclético, ajuda-me a situar e interpretar os acontecimentos do nosso tempo. Dito de outro modo: ajuda-me a viver.

Mário Mesquita, *O Estranho Dever do Cepticismo*

Vamberto Freitas

Bem sei que chego a este livro de Mário Mesquita com algum atraso, mas a vida é assim. Neste caso tenho boa desculpa: nem sempre os grandes livros nos chegam às mãos em dias de tranquilidade para uma leitura séria e sistemática, e depois de folhear este sabia que só com algum tempo e serenidade o abordaria à minha maneira, com esferográfica na mão para sublinhá-lo e com ele dialogar em silêncio nas suas margens. Por outro lado, escrever sobre um livro como este exige a consulta a obras prévias do mesmo autor, não esquecidas nas nossas estantes, mas lidas, como é caso aqui, há uns bons anos, e em que o contexto das suas palavras era bem diferente do de hoje, as suas preocupações naturalmente outras conforme o tempo em que foram objecto da sua escrita.

O Estranho Dever do Cepticismo não merece menos do que isto. São mais de 500 densas páginas de prosa ensaística publicada entre 1999 e 2003 em jornais portugueses abordando as questões maiores, como diz o próprio autor, “do nosso tempo”. Quem lê os nossos jornais nacionais fica a pensar que entre nós não há vida, ou raramente houve, para além da política e de “personalidades”, e agora sobretudo das finanças (ou de país sem elas), particularmente após 2011, o ano da ocupação de Portugal por potências estrangeiras devido à incúria da nossa elite governante e bancária, esses poderes que definimos e eles próprios se definem como sendo “parceiros”. Mário Mesquita, na sua introdução a este volume, diz que falhou em prever o que viria a seguir ou se estava a delinear no Terreiro do Paço & Arredores europeus durante os anos imediatamente precedentes à chegada da catástrofe que nos atingiria, agora as palavras são minhas, na alma e ainda mais na algibeira de um dos povos mais pobres e inseguros da pequena península asiática. Só que, como diz Lídia Jorge num imensamente esclarecedor prefácio, “... Não tem razão Mário Mesquita quando se espanta de que não foi capaz de prever o momento dramático que coincide com a publicação deste livro. Publicados dia a dia, textos desta natureza esvaem parte da sua força persuasiva na fugacidade do quotidiano preenchido de mil sinais. Mas agora, uma vez reunidos, é possível ver como através de dezenas destes comentários se constata que o diagnóstico se encontrava feito”. Isto para dizer que *O Estranho Dever do Cepticismo* não é uma mera recolha de intervenções diárias ou semanais, é assim uma narrativa que nos coloca perante nós próprios política e culturalmente, e depois traz-nos linha a linha o contexto europeu e mundial em que nos inserimos, quase sempre ainda, ou pelo menos até recentemente, sem

estarmos conscientes desses novos factos da globalização em curso. A confusão ou desorientação da nossa classe política só tem paralelo na vivência portuguesa fora dos meios das grandes decisões e em que não se sabia de onde vinha a aparente “prosperidade” dependente de todos outros no outro lado fronteira a leste, de todos menos de nós próprios. Este livro de Mário Mesquita, no entanto, é muito mais do que isso – para além das palavras, acções ou pretensões de quem nos tem governado antes e depois do 25 de Abril, contextualiza o que ele pensa da sociedade portuguesa na nossa época fazendo os mais diversos chamamentos histórico-políticos, literários e culturais, desde a velha e “nova” Europa até aos Estados Unidos e Brasil.

A primeira coisa que poderemos dizer sobre o variado conteúdo de *O Estranho Dever do Cepticismo* é que as múltiplas perspectivas contidas nestas páginas sobre “personagens” dos vários quadrantes da vida pública, escritores, politólogos e filósofos, acontecimentos e as suas géneses e consequências, se lidas em sequência, formam, uma vez mais, uma narrativa histórica do nosso espaço colectivo e de crítica em todo o resto que se refere a livros, desde a ficção ao ensaio, convergindo não só para nos oferecer pistas de interpretação do que nos aconteceu e acontece, como revelam, e devem revelar, o pensamento do seu próprio autor. A essencial subjectividade destas visões múltiplas do autor, o seu posicionamento ante tudo o que condiciona a nossa vida nacional e sobretudo no seu contexto global é o que espera qualquer leitor minimamente interessado em algo mais do que os “factos” – espera e deseja o “eu” do narrador no centro de cada texto, sem a interferência de uma ensaiada “cientificidade” académica, frequentemente de prosa pobre e ofuscativa na ausência da clareza de pensamento, tão característica da hiper-especialização em cada ramo do saber nas Humanidades. Em ensaios como estes, primeiro relata-se o ponto de partida do observador ante protagonistas políticos ou literários ou os acontecimentos do momento para de seguida proceder ao questionamento – eis o “dever do cepticismo” – inevitável numa tentativa ora de descobrir a “verdade” ora de contextualizar palavras ditas ou acções praticadas, rumos sugeridos ou conflitos surgidos num dado momento societal, a história revista e recontada no entendimento que dela faz o escritor, que ele próprio e alguns poderão também chamar de “jornalista”. Quando leio Mário Mesquita num livro como este, esqueço-me de que foi num jornal ou noutra tipo de periódico que primeiro viram a luz do dia estes textos. Das suas vastas leituras poliédricas em língua portuguesa e noutras, da sua serenidade analítica, das suas geografias e gentes dos seus afectos, que vão desde a Europa às Américas (fiquei a saber que o Brasil e alguns amigos ou colegas seus de lá merecem-lhe muito respeito e atenção), sobressai a frase quase sempre curta e claríssima, os “factos” ao serviço da sua razão argumentativa resultando não poucas vezes na mais leve e esclarecedora ironia ou no esbatimento de falsidades ditas ou escritas, ou ante o espanto da

surpresa ante a bondade ou maldade humana em qualquer latitude ou país. Há algo mais. Mário Mesquita nunca esconde as suas raízes açorianas. Pela sua escrita, da primeira às últimas páginas, ele deixar cair frequentemente afirmações como estas: “na minha ilha”, pensava-se ou dizia-se assim, ou aconteceu isto ou aquilo, nomeando colegas e outros açorianos que se destacaram na vida do arquipélago ou no continente. Das infindáveis citações que eu poderia incluir aqui de qualquer um destes textos, vou reproduzir algumas palavras do ensaio intitulado “Emanuel Félix: o Adeus ao Poeta do Rigor”. Tinha a ver com a invasão do Iraque, que fora justificada numa “cimeira” na Base das Lajes entre George W. Bush e os seus aliados europeus, lembrando Mário Mesquita na ocasião um poema de Emanuel que versa a América e a guerra do Vietname e o facto do grande poeta terceirense ter sido sempre ignorado ou desconhecido no resto do país.

“É muito injusto – escreve Mário Mesquita, após a contextualização da obra do poeta angrense – que Emanuel, o escritor, seja mais famoso pelo panfleto anti-Johnson – por sinal, um belo poema e um belo gesto – do que pelo conjunto da sua poesia e pela totalidade da sua obra. Dito de outro modo: é tão injusto que o poeta da *Habitação das Chuvas* seja reduzido apenas a autor do belo poema intitulado 'Mister Texas Johnson Contador de Histórias' como injusto é que o seu conterrâneo Vitorino Nemésio seja, provavelmente, ainda hoje, mais conhecido pelas palestras do programa 'Se bem me lembro...' na RTP do que pela leitura do *Mau Tempo no Canal* ou da obra poética. São injustiças bem-vindas, mas, apesar de tudo, injustiças... (injusta também a comparação, como quase todas, entre o poema-protesto e a cátedra cultural na RTP daquela época...Era um poeta [Emanuel Félix] tranquilo virado para dentro de si, mas aberto ao mundo, que se ocupava da sua escrita com tenacidade de artesão persistente, o homem do restauro e da conservação do património artístico”.

Não, não é a prosa de um jornalista qualquer, é a prosa de um grande ensaísta, que tanto presta atenção ao que se passa em Washington, Brasília ou Bruxelas do mesmo modo que está totalmente atento ao que vai na vida política (inclui outros ensaios nestas páginas sobre Mota Amaral e Sacuntala de Miranda, por exemplo, e, muito mais significativa ainda, traz uma dedicatória a José Medeiros Ferreira) e intelectual nas suas ilhas de nascença. O que faz nos esperar outros volumes agora com a sua escrita açoriana, as “crónicas” que têm em primeiro plano os Açores como referência, e que por certo farão parte de uma já vasta obra, que vai desde títulos, entre outros, como *Deve & Haver*, *A Regra da Instabilidade*, *O Quarto Equívoco: O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea* a este *O Estranho Dever do Cepticismo*